

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Opiniões nº 72 Class.: Paraná 185
 Data: 25/03/74 Pg.: 5

Villas Boas "Uma solução fácil"

Os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas têm, para um bom número de brasileiros e estrangeiros, a imagem de dois velhos e combativos defensores dos índios. Mas se alguém acredita encontrá-los lamurientos e desanimados diante das notícias que têm circulado a respeito dos Krainha-Cârore (grafia sugerida por Cláudio para o nome que os Txucarramãe dão a esses índios porque o nome que os próprios Krainha-Cârore se dão ainda não foi descoberto) sofrerá grave desilusão ao dar com eles na casa ocê de varanda pequena onde funciona o escritório da Fundação Nacional do Índio — FUNAI — no ladeirante bairro do Sumaré, em São Paulo. Orlando e Cláudio não só acham que o problema criado pela proximidade da estrada Cuiabá-Santarém com a aldeia indígena tem solução como têm quase certeza de que essa solução será dada brevemente pela FUNAI com a ajuda deles próprios: a transferência dos não mais que duas centenas de Krainha-Cârore existentes para o Parque Nacional do Xingu. "Essa é realmente a única forma de evitar que esses índios desapareçam", diz Cláudio. "São índios muito primitivos, seminômades, que vivem basicamente da caça e da coleta e plantam batata e banana mais com a finalidade de terem mantimentos para os grandes movimentos que costumam fazer. Mesmo que fosse demarcada para eles uma reserva muito grande isso não seria uma solução satisfatória. Além disso a região em que eles vivem é muito rica. Não é difícil que no rio Peixoto de Azevedo haja ouro e diamantes e segundo os entendidos as terras ali são de primeiríssima qualidade. Quando estive lá agora há pouco tempo para a inauguração do entrocamento da Cuiabá-Santarém com a BR-80 já havia por lá uma dezena de peruas e jipes de São Paulo e do Paraná, com gente interessada em terras para fazendas.

O otimismo dos Villas Boas pode ser injustificado, mas é de excelente origem: Cláudio e Orlando são velhos conhecidos dos Krainha-Cârore há quase 25 anos, e nada indica que eles tenham até hoje desmerecido a imagem de defensores dos índios.

"Nós sabemos de existência dessa tribo desde 1950", diz Orlando. "Foi nessa época que recebemos a missão de construir campos de pouso de apoio a aviões que faziam as rotas Rio-Manaus e Rio-Miami. O brigadeiro Eduardo Gomes, então diretor de rotas aéreas, enfiou o dedo no mapa do Brasil, bem em cima da serra do Cachimbo, e disse: 'Eu quero um campo bem aqui'. O Cachimbo é de fato um ponto muito importante para as rotas aéreas, tanto que a FAB está construindo ali uma pista de 6 quilômetros. Quando estávamos construindo o campo vimos pela primeira vez os Krainha-Cârore, que vinham nos rondar. Já tínhamos ouvido falar através dos Cajabi de uns índios muito altos de voz grossa, que viviam na região e andavam pintados de preto. Ficamos uns três meses ali sob a constante observação deles mas depois parece que se acostumaram e foram embora. Nunca mais apareceram. O campo foi implantado, ficou bonito e os índios não vinham mais por ali. Isso até 1968, quando reapareceram, em bando, na cabeceira

da pista, trazendo caça e peixes. Afim houve no campo uma grande confusão. O radiotelegrafista de terra comunicou ao piloto de um avião que estava para aterrissar que os índios estavam chegando pela pista. Este entendeu que o campo estava sendo atacado pelos índios e quando viu uma centena deles caminhando da cabeceira em direção ao barracão começou a fazer vôos razes. Se com um DC-3 passando 10 metros acima da cabeça até um civilizado se espanta imagine os índios. Foi uma correria danada, cada um pra um lado, e isso confirmou as suspeitas do piloto que transmitiu pelo rádio a informação: o campo, segundo ele, estava sendo ferozmente atacado e cercado pelos índios. Houve tiros, rajadas de matriadoras para o ar e os índios sumiram outra vez".

A situação estava nesse pé quando Cláudio Villas Boas subiu o rio Mauritsauá Missu e a partir dele construiu uma picada até o rio Peixoto de Azevedo ainda em 1968. Os Villas Boas montaram então um acampamento na região e o mantiveram até 1969, enquanto contavam com o apoio de um avião cedido pela Universidade de Brasília. Quando perderam esse apoio retiraram-se do acampamento deixando ali uma roça para os índios. Em 1970 retornaram e encontraram evidentes vestígios de hostilidade: a roça fora depredada, as palhoças arrebentadas e porretadas. O trabalho de aproximação foi novamente interrompido até 1972, quando os Villas Boas foram encarregados pela FUNAI da proteção da frente de trabalho que fazia a topografia da estrada Cuiabá-Santarém. O comando coube então a Cláudio, que levou consigo uma força-tarefa de uns 30 índios Cajabi e Juruna, do Parque do Xingu. Quando o trabalho de topografia terminou e a frente atravessou o Peixoto de Azevedo (antes disso um trabalhador havia sido flechado por um índio), Cláudio construiu um campo de pouso na margem direita, onde estavam os Krainha-Cârore, e dali deu seguimento à aproximação. "O contato tinha que ser feito", diz ele. "A estrada ia passar ali a uns 25 ou 30 quilômetros da aldeia dos índios e ninguém conseguia evitar que uma tribo acostumada a deslocar-se 200 quilômetros entrasse em contato com a sociedade civilizada, ou melhor, com uma parte dessa sociedade constituída por pioneiros, aventureiros de toda a espécie, gente extremamente ignorante, totalmente despreparada para esse contato".

Estabelecido o primeiro contato — durante o qual um velho muito alto de pele *plissada* no sentido longitudinal fez uma longa alocação de hora e meia dirigindo-se aos brancos e protegido por algumas dezenas de índios que se postavam atrás — a chegada dos índios até o acampamento foi uma questão de pouco tempo: seis meses depois os Krainha-Cârore passavam a frequentar o acampamento cantando e dançando com os outros índios e às vezes dormindo lá mesmo.

Dessa fase de confraternização os índios passaram rapidamente às incursões mais atrevidas aos locais frequentados pelos brancos, como o

acampamento do 9.º Batalhão de Engenharia e Construções — 9.º BEC — e a própria estrada. "Isso", diz Cláudio, "foi em parte apressado pela política aplicada depois que nós deixamos a área, quando os índios foram levados para passear de avião e tomaram conhecimento, com incrível rapidez, de outros engenhos civilizados. Mas isso seria de qualquer forma inevitável. A estrada construída pelo 9.º BEC é excelente, por ela é possível atravessar os 800 quilômetros que separam o Peixoto de Azevedo de Cuiabá em apenas 12 horas. Tornou-se uma estrada muito movimentada e, além disso, a implantação de fazendas nessa área deve dar-se num espaço muito curto de tempo. Por isso é que naquela região não há solução capaz de preservar os Krainha-Cârore. Eles são muito primitivos mesmo, o isolamento do lugar em que sempre viveram os manteve assim, não haveria tempo para politizá-los, para ensiná-los a se defenderem".

"Por enquanto", diz Cláudio, "seria um erro muito grande afirmar que os Krainha-Cârore foram essencialmente afetados. Uma situação como essa torna-se irreparável quando os elementos mais moços, que são fundamentais para o sustento da tribo, abandonam o trabalho atraídos pela civilização, vão fazer biseates nos povoados e fazendas ou se tornam bêbados e vagabundos, porque a ausência deles leva a tribo à miséria; quando as mulheres se prostituem e os chefes e donos de casas (chefes de famílias) se desmoralizam e perdem a autoridade, quando os índios se acostumam e se fascinam de tal forma por certos bens da civilização que fazem tudo para conseguí-los. Para chegar até esse ponto seria preciso que a situação atual perdurasse por algum tempo, porque por mais que seja chocante ver um chefe indígena numa fotografia de chapéu de palha na cabeça e com umas roupas molambentas, pedindo bolachas e esmolando, isso não quer dizer que tudo esteja perdido. Eu posso garantir pela experiência que tenho que os Krainha-Cârore ainda são Krainha-Cârore e não perderam a sua identidade e os seus valores, as suas motivações. Se a FUNAI decidir transferi-los para o Xingu eles estarão inteiramente salvos".

Talvez, se tudo terminar bem e apesar dos males que já causou, esse episódio sirva para reforçar e fortalecer a política de semi-isolamento e gradual, lenta integração, defendida pelos Villas Boas — a tese de que os índios devem ser assistidos sem entrarem em contato desordenado com o mundo civilizado, que não se deve negar a eles roupas, instrumentos agrícolas e lanternas, mas que antes da integração é preciso politizá-los (como diz Cláudio), ensinando-os a defenderem suas terras e suas famílias, sua saúde e seus bens contra algumas torpezas da civilização.

A história dos Krainha-Cârore constitui por si só uma grave e respeitável defesa dessas opiniões: se não existisse o Parque do Xingu nem esses dois velhos e combativos defensores dos índios, qual seria agora a saída para essa brava tribo de homens altos de pele escura e olhar desprotegido? (Dirceu Brisola)